



## SECÇÕES

1ª Página Destaque  
 Nacional Mundo  
 Espaço Público  
 Sociedade Cultura  
 Desporto Economia  
 Média Local Lisboa  
 Local Porto Última  
 Página Local Centro  
 Ficha Técnica

Só Texto

Tempo

Calvin | Bartoon

Programação TV

 GUIA DO  
 LAZER

## Destaque

## Cientistas Portugueses Comparam-se a Exército com Armas Velhas

Por TERESA FIRMINO

Quinta-feira, 03 de Fevereiro de 2005

Se os problemas do sistema científico português fossem tão fáceis de resolver como de enumerar, os cientistas não teriam razões para lamentos. Mas têm. Sem pensar muito, enumeram deficiências de há 20 ou 30 anos: subfinanciamento, ausência de estratégia a médio prazo, má gestão, pouca investigação nas empresas ou falta de apoio para se ser empreendedor.

É com uma metáfora que o físico Frederico Carvalho, do Instituto Tecnológico e Nuclear, em Sacavém, e militante do PCP, descreve o "subfinanciamento crónico" da investigação. "Um exército para ganhar uma batalha tem de ter equipamentos - armas. O nosso exército, os investigadores, está mal equipado. Enquanto um europeu tem uma arma automática, os nossos, não digo que têm uma físga, mas têm uma carabina velha."

O físico não se fica pelas metáforas, e avança números. Em Portugal, aquilo que o país gasta por investigador é três vezes inferior ao da média da União Europeia (UE) a 15 países. Assim, um cientista português gasta cerca de 60 mil euros por ano, contra 195 mil de um europeu.

"O importante é aumentar a despesa até um investigador português estar tão bem equipado como um da Alemanha ou França. Isso é mais importante do que recrutar mais investigadores, aí não estamos assim tão mal."

O último Inquérito ao Potencial Científico e Tecnológico Nacional, de 2001, indica que Portugal gastava 0,8 por cento do produto interno bruto (PIB). Para um português ter o mesmo dinheiro que os colegas da UE, a despesa em investigação e desenvolvimento (I&D) teria de passar para 2,4 por cento do PIB, sem variar o número de investigadores, sublinha Frederico Carvalho.

No seu programa eleitoral, o PSD promete atingir, em 2010, dois por cento do PIB em ciência, sendo dois terços oriundos das empresas. E o PS promete aumentar, na próxima legislatura, o investimento público em ciência para um por cento do PIB e triplicar os dinheiro das empresas.

O engenheiro electrotécnico José António Salcedo - fundador da Multiwave Photonics, empresa de tecnologia de fibras ópticas e, até 2002, professor na Universidade do Porto - critica a falta de apoio a quem tenta ser empreendedor. "Em Portugal é difícil valorizar os resultados de ciência e tecnologia. Devia haver apoio ao empreendedorismo, com programas a dez anos. É a forma mais rápida e eficaz de estimular a criação de emprego e fazer com que jovens sintam que as competências que desenvolvem no ensino têm saída", diz

Salcedo, que, em 1994 e 1995, no último governo PSD de Cavaco Silva, foi gestor do Praxis, um programa de apoio financeiro da ciência (não é militante partidário).

## Falta de gestores profissionais

Frederico Carvalho também sublinha a fraca actividade de I&D nas empresas. "Não conseguimos competir e obter resultados com impacte real na economia. Devíamos fortalecer os laboratórios do Estado e instituições públicas que têm vocação para a investigação aplicada, que pode ser transposta para o sector produtivo."

Salcedo fala ainda da inexistência de uma estratégia a médio prazo. "Não existe uma estratégia consistente e corajosa para a ciência e tecnologia, num horizonte temporal de dez anos, e creio que vai continuar a não existir." Uma opinião partilhada, aliás, por Frederico Carvalho, que considera que alterar a situação actual não se faz numa legislatura e é preciso que cada governo não mude tudo o que fez o anterior. "É indispensável obter consensos em torno de objectivos mínimos, de forma a assentar as bases de uma política de médio e longo prazo (dez a 15 anos)", diz.

"Vivemos ao sabor de políticas quase avulsas. Umhas vezes há dinheiro, outra não, umas vezes abrem concursos, outras não. Há um clima enorme de incerteza para quem trabalha em ciência", continua Salcedo.

O modelo de gestão é outros dos problemas crónicos para Salcedo, que o considera "completamente errado e ineficaz": "É ambíguo: há dinheiro a vir dos ministérios da Economia e da Defesa ou da Agência de Inovação. Mas não existe coordenação entre os ministérios." Diz mesmo não existirem gestores profissionais nesta área. "Precisávamos de um modelo com gestores profissionais a funcionar de forma exclusiva e com formação adequada, e não com professores universitários em 'part-time'".

A escassez de emprego científico é identificada como outro problema estrutural, quer pela antropóloga Eugénia Cunha, da Universidade de Coimbra, quer por João Ferreira, presidente da Associação de Bolseiros de Investigação Científica. "Os recém-doutorados usufruem de bolsas, mas depois não sabem o que lhes vai acontecer", diz Eugénia Cunha. "A situação do emprego é altamente precária. Mas cerca de um terço dos investigadores são bolseiros", completa João Ferreira. ▲

### OUTROS TÍTULOS EM DESTAQUE

- PSD desmobilizado e com críticas a campanha do líder
- Santana quer falar sem ser "condicionado"
- Família tradicional está fora da campanha eleitoral
- Sócrates foi aconselhado mas recusou mostrar filhos
- Frente-a-frente Santana/Sócrates
- Jerónimo diz que "nível da campanha será hostilizado pelo povo"
- Sócrates com discurso sobre autonomias
- Marcos Perestrello
- CDS "modernizou-se" e fez do Ambiente uma "prioridade"
- "PR também será julgado politicamente nas próximas eleições", diz António Vitorino

- Santana Lopes deve voltar à Câmara de Lisboa
- Cientistas portugueses comparam-se a exército com armas velhas
- Mais pessoas, investimento e coordenação
- BE acusa ministros do CDS de "instrumentalizarem serviços do Estado"
- Ex-combatentes dizem que cartas de Paulo Portas são eleitoralismo
- "Devíamos estar entregues a Espanha!"
- Manifesto pede aos partidos eliminação dos bloqueios constitucionais